

Os gabinetes de curiosidades do Sacro Império: o colecionismo na construção da alteridade

Janaína da Silva Fonseca¹

 0000-0001-9522-5285

Como citar:

In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 17, 2023. **Atas do XVII Encontro de História da Arte**. Campinas: IFCH/UNICAMP, n. 17, 2023.

DOI: 10.20396/eha.17.2023.11683

Resumo

Esta comunicação investiga a formação das coleções do Sacro Império no século XVI e a chegada de peças e espécimes das Américas à corte dos Habsburgo. Utiliza-se como fonte as cédulas de Paso (1560-1612) do Arquivo Geral de Simancas e obras da corte que usaram animais e objetos da coleção imperial. A pesquisa discute os principais atores, como artistas e mercadores, envolvidos na transferência desses itens da América para o Império. Busca-se entender os contatos intercontinentais, a coleção criada e seu impacto na construção da alteridade em relação ao continente americano e sua natureza.

Palavras-chave: Gabinete de curiosidades. Circulação. Exotismo. Colonialismo.

¹ Janaína da Silva Fonseca é historiadora e mestranda em história da arte pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Esta publicação faz parte da pesquisa de mestrado intitulada "Entre Caprichos e Maravilhas: Uma análise da representação e circulação da fauna americana a partir dos Quatro Elementos de Giuseppe Arcimboldo (1525-1593)", orientada pela Profa. Dra. Patrícia Dalcanale Meneses, desenvolvida no Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas. A pesquisa conta com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), número do processo 2022/11960-4.

Os gabinetes de curiosidades do Sacro Império no século XVI tornaram o ato de colecionar objetos da natureza um mercado de grande importância entre países do Velho Mundo e o Novo Mundo. Os Habsburgo, assim como os Médici, foram exímios seguidores de práticas de acumulação de “exóticos”, logo, acabaram por construir importantes coleções com espécimes que adquiriam de comerciantes, sobretudo, por meio da extensa rede comercial com Portugal e Espanha. Para entender como se formaram as coleções de espécimes e peças do gabinete de Maximiliano II, se faz necessário compreender o espaço dedicado ao Sacro Império na Europa seiscentista. O Sacro Império Romano-Germânico foi uma entidade política e territorial localizada na Europa Central do ano 800 na Alta Idade Média à sua dissolução em 1806. Certos historiadores traçam sua origem na coroação de Carlos Magno, enquanto outros tomam Otão I, seu sucessor, como referente.²

Geograficamente, o Sacro Império estava localizado entre os reinos da França, Espanha e os estados italianos. Tal posicionamento lhe garantia uma posição estratégica na Europa, possibilitando o estabelecimento de relações interpaíses e o alocando como ponto importante no estabelecimento de poderes e alianças da política europeia. No meio de crescentes fragmentações políticas na Europa do século XVI, o imperador teve que mediar de maneira equilibrada o interesse de diferentes agentes, o que muitas vezes resultou em certa disputa pelo poder entre príncipes e Estados dentro do Império.

Dentre os imperadores, Carlos V ou Carlos Magno, imperador do Sacro Império a partir de 1509, detinha o maior desafio: também tinha sob seu comando os países baixos e os domínios espanhóis. Conquistando para si seu próprio “império sob o qual o sol nunca se põe”, graças à intensificação do colonialismo nos territórios americanos.³

Com todas essas demandas e em meio a constantes combates no seu território, Carlos V teve que contar com outros governantes, dentre eles seu irmão Ferdinando I que governou as terras austríacas de Habsburgo como seu vice e, após sua renúncia em 1556, tornou-se imperador eleito do Sacro Império Romano. As terras de domínio espanhol foram reservadas a seu filho Filipe e a escolha de Ferdinando para o Império se deve, principalmente, pelo seu profundo relacionamento com os outros príncipes do Sacro Império e sua já longa administração, iniciada em 1531, deste território.⁴ Logo, as duas cortes possuíam uma proximidade que facilitava as negociações e envios de produtos/bens entre elas. Em

² Os trabalhos de James Bryce (1899) e Friedrich Heer (1967) são exemplos de trabalhos que consideram Carlos Magno como ponto inicial do Sacro Império. Por outro lado, Norman Davies (1996) e Martin Arbage (2004) com trabalhos mais recentes, consideram Otão I como o marco.

³ PAGDEN, Anthony. *Peoples and Empires: A Short History of European Migration, Exploration, and Conquest, from Greece to the Present*. New York: Random House Publishing Group, 2007. p.58.

⁴ COXE, William. *History of the House of Austria from the Foundation of the Monarchy by Rhodolph of Hapsburgh to the Death of Leopold the Second: 1218 to 1792*. Luke Hansard and Sons, 1807, p.914.

vários documentos do arquivo geral de Simancas⁵, obras dos artistas da corte imperial são enviadas para a Espanha e animais ou partes deles são comprados para aumentar a coleção do gabinete de curiosidades do Império.

Ferdinando I e seus filhos, que se tornariam o imperador Maximiliano II e o arquiduque Ferdinando de Tyrol, sempre mantiveram grande interesse pelas artes e pelos artefatos advindos das mais diversas partes do mundo conhecido. Com a junção destas duas inclinações, não demorou para que o sacro Império consolidasse uma extensa reputação no que se refere à história natural.

Durante o século XVI, colecionar e catalogar a natureza gerou o início do que se conhece por História Natural. Literatos, artistas e nobres acreditavam que o conhecimento poderia ser adquirido fisicamente com o armazenamento e agrupamento de objetos de valores científicos. Tais práticas envolviam coletar, classificar e, posteriormente, exibir objetos naturais como plantas, animais, minerais e demais curiosidades. O objetivo se centrava em compreender e controlar a natureza criando um microcosmos continuum, o qual futuramente daria origem ao museu, que simbolicamente proporcionavam honra, poder e reputação aos seus proprietários.⁶

Samuel Quiccheberg em seu *Inscriptiones vel tituli theatri amplissimi* de 1565, conhecido como o primeiro tratado sobre colecionismo, estabelece um sistema de organização, exibição e estudo em uma coleção enciclopédica principesca, ou seja, em sua visão apenas homens ricos e/ou nobres podem buscar estabelecer coleções e promover um estudo sobre elas tendo como principal objetivo adquirir e produzir conhecimento.⁷

Nesta lógica, a natureza encarna como propriedade desejada e, por conseguinte, mercadoria preciosa. Esta produção é lida por Igor Kopytoff como “processo cultural e cognitivo”⁸, o qual, além de produzi-las, se predispõe em catalogá-las dentro do sistema cultural da sociedade que a utiliza. A aquisição de objetos e animais vindos do novo mundo cria uma nova categoria de mercadoria na sociedade europeia do século XVI e, como tal, transparece a economia moral e cultural que subjaz na economia objetiva das transações.⁹

⁵ Aqui cito os Libros de cédulas de paso do Archivo General de Simancas, sobretudo os números 361 e 362 que abarcam os anos de 1578 a 1592.

⁶ FINDLEN, Paula. *Possessing nature: museums, collecting, and scientific culture in early modern Italy*. Berkeley and London, University of California Press, 1996, p. 22

⁷ QUICCHEBERG, Samuel. *The First Treatise on Museums*, p. 74.

⁸ KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun (org.). *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: Eduff, 2008, p.89

⁹ Ibidem, p.84.

É importante destacar que, no uso moderno do termo, “exótico” não necessariamente oferece um caráter de alteridade dos povos de não europeus aos objetos assim identificados. Na visão européia do século XVI, o agrupamento desses objetos era tido como uma forma de compreender toda a criação de Deus, o que incluía os animais já conhecidos. Nesse sentido, a fauna aqui analisada é vista como parte um sistema maior de interações de exploração e comercialização e, portanto, perguntas relativas à sua captação ou produção, seu lugar de origem e de destino, bem como as pessoas que poderiam vê-las e usufruir delas são essenciais para entender os sujeitos ativos que são afetados pela sua existência e valor social, bem como os resultados dessa interação.

Nos diversos continentes que os europeus tiveram contato a partir das políticas de expansionismo, eles envolveram caçadores nativos para coletar animais vivos e/ou mortos considerados exóticos para serem vendidos na Europa em feiras portuárias em Portugal e na Espanha, principalmente. A isso se deve a origem das menageries e gabinetes de curiosidades que se consolidam como base inicial do que viria a ser os zoológicos e museus modernos.

O entrelaçamento de culturas motivado pela violência do colonialismo proporcionou alterações tanto em europeus quanto em nativos. Estes inicialmente tiveram que disputar espaço com os animais trazidos por aqueles e, posteriormente, em busca de subsistência alteraram suas interações com a vida selvagem, servindo de agentes na sua apreensão e comercialização. Já aqueles tiveram contato com inúmeras espécies até então desconhecidas no Velho Mundo, o que motivou a construção de narrativas sobre os animais que se referem à cultura e à organização social europeia. A ideia de que tais espécies poderiam ser seres mitológicos anteriormente descritos (dragões, sereias, hidras etc), bem como de que à posse deles ou de partes deles trariam à ideia de poder e domínio sobre o natural e, consequentemente, autoafirmação política para os nobres são exemplos das narrativas construídas no período.

Elites ricas de várias épocas e partes do mundo mantinham animais e na Europa renascentista não foi diferente. Girafas, elefantes, leões, macacos e pássaros de várias espécies foram comprados e levados à menageries para serem símbolos da honra e riqueza inerentes ao indivíduo ou ao Império. Redes de comércio que ligavam diferentes atores foram construídas ao redor da aquisição de raridades. Comerciantes especializados nesses objetos surgem, embaixadores, artistas e naturalistas passam a criar suas próprias coleções e/ou auxiliar na formação dos gabinetes das cortes imperiais europeias, tais como o Sacro Império.

Para além do trabalho dos nativos em capturar animais e vendê-los a navios mercantes que os revendiam em feiras portuárias, temos também a figura de embaixadores que em Espanha ou em Portugal realizavam uma ponte de comercialização, baseada em oferta e demanda, entre diferentes

cortes. No caso do Sacro Império, temos a figura de Hans Khevenhüller (1538-1606), embaixador imperial da corte de Filipe II na Espanha.

Para além de assumir suas funções diplomáticas, Khevenhüller ocupou o espaço de principal agente e negociador dos Habsburgos. Sempre atento ao que chegava na Espanha, ele foi responsável por trazer obras de arte, jóias, produtos naturais, têxteis e curiosidades tidas como exóticas para a Europa Central. As tarefas legadas a ele eram de difícil execução visto que alguns objetos tinham um alto grau de raridade e preço que tornava sua aquisição uma batalha. Os colecionadores dos Habsburgos sempre queriam mais e mais peças e estavam dispostos a pagar um preço exorbitante para ter o prestígio e a reputação que sua posse gerava na sociedade seiscentista.

A permanência de Khevenhüller na corte espanhola transformou significativamente os gabinetes de curiosidades, menageries e jardins de Viena, Praga e Graz. Maximiliano II enviava periodicamente listas de compras para Madrid que eram respondidas com cartas que descreviam novas maravilhas vindas da flora e fauna das Américas, sobretudo do Brasil, da África Ocidental e Ásia portuguesa.¹⁰ Khevenhüller conseguia as informações e negócios que precisava a partir de mediadores da Península Ibérica tais como Nathanael Jung (c.1534-1578) em Lisboa e Ferdinand Cron (1554-1637), o qual residiu durante trinta e sete anos na Índia Portuguesa.

Jung manteve uma linha direta de comunicação de navios vindos da Ásia e do Brasil com cargas vivas. Em Outubro de 1576, o embaixador comunicou a Maximiliano II que esperava navios vindos do Brasil para Lisboa por meio dos quais compraria felinos selvagens por intermédio de Jung. Por meio deste contato, Jung se consolidou como grande agente independente e conhecedor de commodities da Península Ibérica, inúmeros foram os nobres e banqueiros que deixaram em suas mãos a tarefa de adquirir os melhores bens para suas coleções.

Através de Jung, Khevenhüller conseguiu adquirir uma zebra africana para o imperador do Sacro Império em 1575. O embaixador informou por carta que “uma mula (mula) listrada de preto e branco muito bonita”¹¹ estava para ser entregue ao Papa Gregório XIII e, por meio de sua influência diplomática no meio, conseguiu alterar o destino do animal para Viena. No mesmo ano, Khevenhüller aconselhou o cortesão imperial Wolf Rumpf a “comprar animais novos e estranhos” em Lisboa para o zoológico do imperador. Em 1576, um leão domesticado, um felino não identificado e quatro perus foram comprados

¹⁰ GSCHWEND, Annemarie Jordan. “The Emperor’s Exotic and New World Animals: Hans Khevenhüller and Habsburg Menageries in Vienna and Prague.” In MACGREGOR, Arthur. **Naturalists in the Field: Collecting, Recording and Preserving the Natural World from the Fifteenth to the Twenty-First Century**. Boston: Brill, 2018, p. 88.

¹¹ Ibidem, p. 88.

em Sevilha. Em 1577, foi à vez de um leão e uma leoa e um cão de caça de Maiorca, bem como macacos, gatos selvagens e pássaros exóticos vendidos a preços exorbitantes, tais como falcões.¹²

Para tais dados, utilizava-se cédulas de paso, que serviam como autorizações de importações e exportações dadas ao rei para seus embaixadores. Sua estrutura deveria constar o nome e a quantidade de objetos que a cédula autorizava. Não se trata de registros aduaneiros perfeitos porque se referem apenas a exportações ou importações anormais ou de nomes privilegiados (como nobres e burocratas).

Vários foram os animais que, em um fluxo contínuo, deixaram Lisboa e Castela tendo por destino Viena e Praga entre 1552 a 1600. Elefantes asiáticos, civetas, leões, chitas, uma cacatua, vários papagaios, uma zebra, macacos africanos e brasileiros e até um antílope africano (*Antilope cervicapra*). O qual foi retratado em 1563, juntamente com o elefante Emanuel, na cabeça composta intitulada *Terra* de Giuseppe Arcimboldo [Figura 1], pintada em Viena com o auxílio de desenhos de estudo feitos dos animais presentes na menagerie dos Habsburgo.

Dessa forma, podemos entender duas figuras centrais nessa rede de comércio: os naturalistas e os pintores. Muitas vezes contidos na pessoa. Os desenhos de estudo e as obras de arte produzidas por eles a partir dos animais vivos e ou esqueletos, penas e gravuras são essenciais para compreensão do discurso construído nestas coleções. Maximiliano II transformou sua corte em um centro poderoso de estudos e aprendizagem científicos que reuniu estudiosos europeus de várias áreas (literatos, naturalistas, artistas e etc).

Dentre os artistas da corte nesse período, encontrava-se Joris Hoefnagel (1542-1601), Giorgio Liberale (1527-c.1580) e o renomado pintor milanês Giuseppe Arcimboldo (1527-1593). Tais artistas tinham acesso livre à menagerie e ao *kunstkammer* do imperador, possibilitando que desenvolvessem trabalhos ligados aos objetos e animais presentes lá. Joris realizou várias obras de miniaturas para os Habsburgo, dentre elas o *Schriftmusterbuch* [Figura 2], hoje no Museu de Arte de Viena, feito para Maximiliano II que era um livro de amostras de fontes com desenhos de plantas e animais para ilustrar cada letra e o manuscrito dos Quatro Elementos que continha milhares de desenhos de animais divididos por elemento, fornecendo um compêndio sobre a ciência do século XVI.

Já Giorgio Liberale desenhou mais de quinhentas pequenas xilogravuras de plantas para a primeira edição latina do *De Materia Medica* de Dioscórides editado por Pietro Andrea Mattioli. Bem como produziu desenhos de estudo de muitas das curiosidades presentes no gabinete.

¹² Ibidem, p.88-90.



Figura 1:
ARCIMBOLDO, Giuseppe. **Terra**, 1570.
Óleo sobre madeira, 70 x 48,5 cm, coleção particular, Viena.

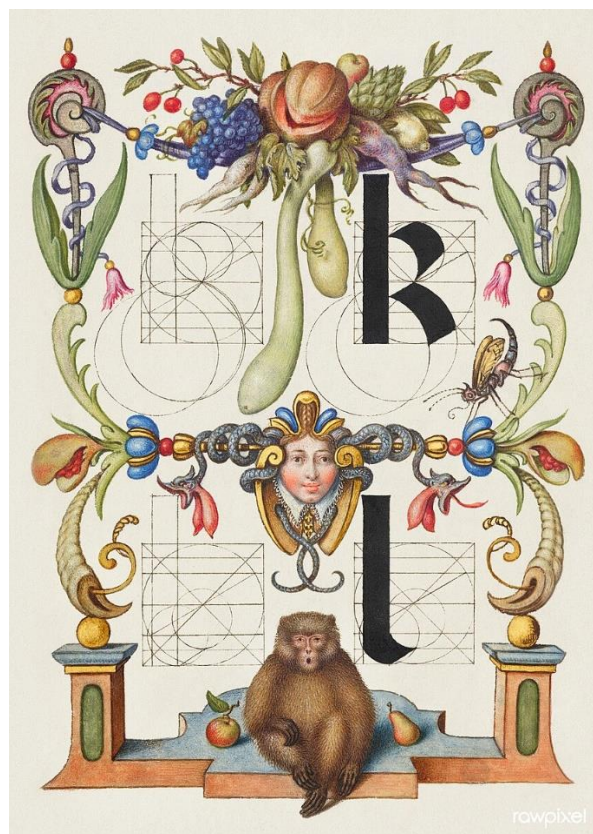


Figura 2:
HOEFNAGEL, Joris. **Schriftmusterbuch: Folio da caligrafia das letras K e L** Ms. 20, 86.MV.527, 1561–1596. Iluminuras, The J. Paul Getty Museum, Los Angeles: The Getty Collection.



Figura 3:
Autor desconhecido. **Naturstudien folio 7 cod. 42,**



Figura 4:
ARCIMBOLDO, Giuseppe. **Naturstudien folio 46r**

1566. Aquarela em pergaminho, 487 x 361 mm,
Österreichische Nationalbibliothek, Viena.

cod.42, 1566. Aquarela em pergaminho, 487 x 361
mm, Österreichische Nationalbibliothek, Viena.

Arcimboldo, por sua vez, além de utilizar o trabalho de Liberale e Hoefnagel, produziu seus próprios desenhos sobre os animais que tinha contato pessoalmente ou via em outros desenhos que eram enviados por embaixadores como Khevenhüller. O embaixador enviava periodicamente desenhos feitos por artistas anônimos para Rodolfo II e o Arquiduque Fernando II do Tyrol para mostrar novas espécies recém-descobertas. Dentre eles, um rinoceronte conhecido como “Maravilha de Lisboa” [Figura 3] fez sucesso em Lisboa e Madrid sendo disputado entre cortes.

O contato com estes animais vivos ou mortos, altera de maneira significativa o lugar dedicado ao pintor na corte¹³, bem como o modo como estes artistas e os seus contemporâneos se relacionam com a natureza no seu *métier*. A ideia de que tais animais assumem um espaço de destaque, como descobertas “maravilhosas” perpassa também o modo como suas pinturas são lidas socialmente. Os desenhos de Arcimboldo buscavam realismo, mas também carregavam traços do fantasioso e ilusório ao retratar animais com anomalias diversas [Figura 4] e produzir suas séries de cabeças compostas que brincam com o olhar do espectador ao mesmo tempo que reforçam a ideia de poder e conhecimento do Império ao possuir e, logo, dominar todos os animais retratados.

Antes livres e em constante circulação por todos os lugares, agora eram capturados e levados para menageries onde se tornavam peças de exposição e símbolos de poder. Essa mudança de paradigma do natural comum ao natural maravilhoso e raro altera significativamente o papel destes animais e objetos na sociedade humana. Eles passam a atrair olhares dos mais diversos, tornam-se símbolos dos lugares que provém e, em alguns casos, ganham papéis ligados ao mágico e ao taumaturgo como é o caso de chifres, das pedras bezoares (encontradas no estômago de ruminantes), dentes de tubarão e corais. Todos ligados à proteção e ou cura do seu portador.

Partindo das análises ecocríticas nas artes, desenvolvidas no livro de Andrew Patrizio *The Ecological Eye*¹⁴, podemos dizer que a presença destes animais na Europa alterou gêneros artísticos e criou um novo papel para o artista de corte, agora visto como um detentor de um conhecimento superior sobre a criação de Deus. Com sua chegada nos Kunstkammern e Menageries, as representações de animais nas artes se ampliaram e houve uma alteração da forma como a natureza era lida e entendida entre os

¹³Arcimboldo tem suas atividades alargadas na corte graças ao contato com a ménagerie e o gabinete. Ele torna-se responsável por adquirir novos espécimes para o Imperador Rodolfo II e consegue título de Conde Paladino pelo monarca. Tais fatos informam como o trabalho do artista era apreciado pelos seus patronos reais e colegas notáveis na corte do Sacro Império. In: KAUFMANN, Thomas Dacosta. **Arcimboldo: Visual jokes, natural history, and still-life painting**. Chicago: University of Chicago Press, 2009, 119.

¹⁴ PATRIZIO, Andrew. *The Ecological Eye: Assembling an Ecocritical Art History*. Manchester University Press, 2019.

européus. De exótica e maravilhosa a perigosa e dominada, o conhecimento do mundo natural passou a classificar os homens e seu poder, tornando os animais agentes importantes dentro da rede comercial criada após o contato colonial: De nativos a navios mercantes, de lá à feiras portuárias e embaixadores imperiais até gabinetes de curiosidades ou menageries propriedade do Sacro Império e seus vários imperadores habsburgos.

Referências bibliográficas

ARBAGE, Martin. Otto I. *In*: Christopher Kleinhenz. **Medieval Italy: An Encyclopedia**. Londres: Routledge, 2004.

BRYCE, James. **The Holy Roman Empire**. Boston: Macmillan, 1899.

COXE, William. **History of the House of Austria from the Foundation of the Monarchy by Rhodolph of Hapsburgh to the Death of Leopold the Second: 1218 to 1792**. Londres: Luke Hansard and Sons, 1807.

DAVIES, Norman. **Europe: A History**. Oxford: Oxford University Press, 1996.

FINDLEN, Paula. **Possessing nature: museums, collecting, and scientific culture in early modern Italy**. Berkeley and London, University of California Press, 1996.

GSCHWEND, Annemarie Jordan. "The Emperor's Exotic and New World Animals: Hans Khevenhüller and Habsburg Menageries in Vienna and Prague." *In*: MACGREGOR, Arthur. **Naturalists in the Field: Collecting, Recording and Preserving the Natural World from the Fifteenth to the Twenty-First Century**. Boston: Brill, 2018.

HEER, Friedrich. **The Holy Roman Empire**. New York: Frederick A. Praeger, 1967.

KAUFMANN, Thomas Dacosta. **Arcimboldo: Visual jokes, natural history, and still-life painting**. Chicago: University of Chicago Press, 2009.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. *In*: APPADURAI, Arjun (org.). **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói: Eduff, 2008.

PAGDEN, Anthony. **Peoples and Empires: A Short History of European Migration, Exploration, and Conquest, from Greece to the Present**. New York: Random House Publishing Group, 2007.

PATRIZIO, Andrew. **The Ecological Eye: Assembling an Ecocritical Art History**. Manchester: Manchester University Press, 2019.

QUICCHEBERG, Samuel. **The First Treatise on Museums: Samuel Quiccheberg's Inscriptiones, 1565**. Edited by Mark A. Meadow and Bruce Robertson. Los Angeles: Getty Publications, 2013.